

CADERNO DE FLUÊNCIA

ESCOLA: _____

ALUNO(A):_____

PROFESSOR(A):_____

5º ANO

Concepção e Organização:
JOAN EDESSON DE OLIVEIRA, Ms.
JOCELAINE REGINA DUARTE ROSSI, Ms.

Todos os textos desta coletânea são de autoria de Joan Edesson de Oliveira

DUDU E ALEMÃO

Dudu e Alemão eram irmãos.
Dudu era branco, de olhos claros.
Alemão era moreno, os cabelos lisos e os olhos bem pretos.
Ninguém sabia por que lhe chamavam de *Alemão*.
Dudu e Alemão eram gêmeos.
Mas não se pareciam em nada.
Alemão era calado, quase não falava.
Dudu não fechava a matraca um instante.
Dudu gostava de andar de bicicleta.
Alemão gostava de jogar bola.
O que um fazia, o outro nem gostava.
Mas se você falasse mal de um, o outro logo entrava na briga. E nessas horas você tinha certeza que Dudu e Alemão eram gêmeos.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **49** segundos.

O HOMEM TRISTE

Magrinho, cheio de mistérios.
Quando ele vinha subindo a nossa rua, quase todos os meninos se escondiam.
A gente não sabia bem se tinha medo dele. Falavam tanta coisa.
A curiosidade era tão grande que quase não cabia dentro da gente. Parecia que ia transbordar de nós, vazar pelos olhos, pelo umbigo. Todos nós queríamos conhecê-lo melhor. Mas a gente tinha muito medo. Falavam tanta coisa.
Ele dava boa tarde e meu pai respondia, sério. A gente olhava ressabiado, por trás dos adultos. Será que era verdade mesmo tudo o que diziam?
O Lourenço, metido a sabido, garantia que era verdade. O avô dele era testemunha, vira tudo numa noite de lua cheia. Mas a gente não podia acreditar no Lourenço. Não inteiramente, o Lourenço fantasiava muito.
Ele consertava coisas, construía outras. Fazia umas malas de madeira, revestidas de papel, umas estampas bonitas. Dava gosto de ver. Consertava guarda-chuvas, trocava o pano, soldava as hastes. Meu pai dizia que ele era um bom artesão.
Quando subia a rua carregando a sua magreza a gente se escondia por trás dos adultos, o medo disputando com a curiosidade pra ver quem era mais forte.
Criei coragem um dia e perguntei a minha mãe. Será que era verdade mesmo tudo o que diziam?
Minha mãe riu, acariciou minha cabeça:
– É apenas um homem triste, meu filho, é apenas um homem triste.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **11** erros.	No máximo **115** segundos.

UM MURO ALTO

Havia um muro alto no fim da nossa rua.

Por trás daquele muro moravam o medo e o mistério. O que havia de verdade por trás do muro alto, nunca o soubemos.

As apostas eram as mais variadas: o Jaime dizia que era um cemitério antigo, do tempo da guerra. O problema é que nunca soubemos de nenhuma guerra na nossa cidade. Mas o Jaime garantia que era, o primo dele ouvira a conversa de um tio da mãe da Bia.

A Bia, que quase nunca dava opinião sobre nada, discordava.

– É uma casa mal-assombrada, todo mundo sabe.

Mas nem todo mundo sabia disso. Na verdade, ninguém sabia de nada. Por trás daqueles muros altos habitavam apenas o medo e o mistério. E a nossa imaginação, que voava alto, a ver se enxergava alguma coisa por lá.

Um dia, o Palito, o mais atrevido dos meninos da nossa infância, escalou o muro. O Palito devia ser alpinista, ninguém subia em árvores, casas e muros como ele. O Palito escalou o muro e pulou para dentro. E demorou uma eternidade, os dez minutos mais longos das nossas vidas.

Quando pulou de volta, ele não disse nada. Passou por nós, o olhar triste, perdido, indiferente à curiosidade que transbordava de todos nós.

Dois dias depois a família do Palito mudou-se e nunca mais soubemos dele.

Nem do que havia por trás daquele muro alto. Para nós, meninos da Rua Alta, para sempre habitaram ali o medo e o mistério.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **12** erros.	No máximo **124** segundos.

HISTÓRIAS DO MEU BAIRRO

O Zeca é meu colega de classe e é o meu melhor amigo também. A casa dele é parecida com a minha. Só que a casa do Zeca é mais afastada da rua. Por isso ele tem um espaço grande para brincar.

Na casa do Zeca tem um quintal enorme, com duas mangueiras, um pé de caju, uma cacimba, muitos passarinhos e umas lagartixas. De vez em quando tem também umas borboletas e umas abelhas.

A minha casa é diferente, o quintal é bem pequeno e só tem umas plantinhas miúdas que a mamãe plantou. Tem também pé de capim santo e de boldo que ela faz chá quando eu tenho dor de barriga. Mas o gosto do boldo é horrível. Por dentro, a minha casa parece com a do Zeca. Eu gosto da minha casa e gosto da casa da Zeca. Acho que tem que ser assim mesmo. Se todos os lugares fossem iguais, o mundo seria muito chato.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **8** erros.	No máximo **80** segundos.

O MENINO QUE NÃO QUERIA CRESCER

Era uma vez um menino que não queria crescer.

Ele dizia:

— Quero ser menino para sempre. Não quero ficar adulto. Gente adulta é complicada. Vive de cara fechada. Para o adulto, o mundo é sem graça. Quero ser menino toda a vida!

Mas ele não sabia como conseguir isso. Perguntou a todos, professores, tios, ninguém sabia. Ficou triste. Perdeu a paciência e resolveu correr o mundo.

Depois de muito procurar, encontrou um rapaz. Esse rapaz lhe deu uma ideia e disse:

— Amiguinho, ser menino é um modo de ser. Não é o tamanho do corpo. Você pode crescer, crescer e depois envelhecer. Mesmo assim, pode continuar sendo menino.

O garoto pensou e comentou:

— Compreendi! Agora vou ficar grande, mas não vou deixar de ser menino.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **63** segundos.

O RETORNO

Felipe entrou em casa correndo, aos berros:

– Mãe! Mãe! Ele chegou, ele chegou!

Nem esperou a resposta da mãe. Deu meia volta e saiu feito um foguete, da mesma forma que entrou.

A mãe, no tanque do lado de fora da casa, uma pilha enorme de roupas para lavar, não entendeu a gritaria do filho. Nem teve tempo de perguntar. Quando chegou à sala da pequena casa Felipe já havia desaparecido, feito mágica.

Saiu para o jardim, as nove-horas vermelhinhas lhe fitavam alegres, os bogaris de luminosa brancura enchiam a manhã com o seu cheiro. A mãe cuidava daquele pedacinho de chão feito uma jardineira real, fosse assim a entrada de um palácio europeu.

Havia duas coisas que lhe enchiam de alegria: o seu jardim e Felipe. Felipe, o seu menino sempre tão inquieto, a aparecer e desaparecer como por encanto, deixando apenas os seus gritos esganiçados no ar. Onde se metera o pirralho? Quem é que havia chegado, afinal, para que ele se esgoelasse daquele jeito?

Abriu o portão que dava para a ruazinha de terra, triste e empoeirada. Lá embaixo, onde começava o ladeirão, Felipe pulava ao redor do avô, carregado de malas e sacos.

A mãe abriu um sorriso largo, que iluminou a rua e a manhã de maio, feito as nove horas e bogaris do seu jardim.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **11** erros.	No máximo **111** segundos.

HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE

Ontem, meu pai contou uma história de quando ele era criança.

Falou sobre as brincadeiras, sobre os seus brinquedos. Disse que a nossa cidade era muito diferente do que é hoje.

As ruas não tinham asfalto, apenas algumas tinham calçamento, mas a maioria era de chão batido, com muita poeira.

Por um lado isso era ruim. Mas por outro lado era bom, pois meu pai e os amigos dele brincavam de pião na rua e podiam jogar futebol.

Mas não havia transporte, não tinha posto de saúde. Só tinha uma bodega, a do seu Raimundo, avô do Zeca, meu colega de classe. E também não tinha escola no bairro, a escola era muito longe. Por isso muitas pessoas não podiam estudar.

Fiquei pensando: será que as coisas no tempo do meu pai eram melhores do que hoje?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **69** segundos.

SINAL FECHADO

O homem ria, um riso ampliado pela maquiagem de palhaço.

O menino olhava o riso do homem, que fazia malabarismos com tochas de fogo.

Às vezes, o homem trocava os malabares de fogo por longas facas, e jogava-as para o alto, girando em carrossel.

O menino olhava e tinha a impressão que as mãos do homem também riam. O riso descia para as mãos, e de lá para as facas e as tochas de fogo.

Dos carros, alguém dava uma moeda, e o homem agradecia com o sorriso pintado. Ou será com o sorriso verdadeiro?

As mãos do homem, quando o sinal fechava, moviam-se rápidas, os malabares no ar, criando asas, girando na noite. Eram pássaros de fogo, refletidos nos olhos do menino, hipnotizado pelas mãos mágicas do homem.

Nos carros havia rostos vários. Uns que se abriam em um sorriso, como retribuição ao riso pintado no rosto do malabarista. Outros olhavam carrancudos, como se o homem atrapalhasse o trânsito. Outros olhavam e não viam nada, preocupados apenas com as suas vidas.

Foi quando o olhar do homem encontrou o olhar do menino. E na noite escura, no sinal fechado, os dois sorrisos criaram asas, feito os malabares de fogo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

TRISTEZA DE MENINO

Lucas vinha devagar, devagar, cabeça baixa.

Mais de perto é que vi as lágrimas, descendo pelo rosto empoeirado.

Soluçava baixinho, percebi quando ele se aproximou.

Ainda quis perguntar o que tinha havido, se eu podia ajudar de alguma forma.

Mas, ao ver nas mãos aquele objeto flácido, murcho, sem vida, compreendi tudo.

Lucas passou por mim devagar, soluçando.

Ainda quis lhe oferecer algum consolo, dizer alguma palavra amiga.

Mas, de que adiantaria?

Nenhuma palavra traria sua bola de volta, furada nos arames da cerca que passa depois do campinho.

Lucas passou devagar, devagar, soluçando baixinho, carregando triste sua bola sem vida.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **51** segundos.

BANHO DE RIO

No caminho para o rio havia um enorme cercado, um pasto verde, onde as vacas do seu Manuel pastavam.

Para evitar o pasto a gente tinha que dar uma volta danada, e por dentro do cercado era bem mais perto.

Tudo ia muito bem, até o dia em que seu Manuel comprou aquele touro zebu.

O bicho era azulado, grande, cara de enfezado.

Na primeira vez que nós passamos para o rio, depois que ele estava lá, foi uma correria danada.

O touro nos botou pra correr até depois da cerca que dá para o rio.

O coitado do Zequinha rasgou os fundos do calção novo, ao pular a cerca para escapar do bicho.

Depois disso, o banho de rio ficou ainda mais perigoso.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **62** segundos.

ZÉ DE CIMA E ZÉ DE BAIXO

Tinha o Zé de Cima e o Zé de Baixo, cada qual mais diferente.

A gente chamava assim porque um morava lá no alto da rua e o outro cá embaixo. E a rua era uma ladeira que não tinha mais fim.

A gente jogava bola num terreno abandonado que tinha bem no meio da ladeira. Foi lá que fizemos nosso campinho de futebol.

E como ficava bem no meio da rua, os dois ficaram sendo o Zé de Cima e o Zé de Baixo.

O Zé de Cima era baixinho, centroavante do nosso time, e falava pelos cotovelos.

O Zé de Baixo era bem alto, quase não falava, e era o melhor goleiro da cidade.

Hoje me deu uma saudade danada dos tempos de criança.

Onde será que andam o Zé de Baixo e o Zé de Cima?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **70** segundos.

A TURMA DA RUA

O Dedé passou correndo por nós, com o Tupi, seu vira-lata de estimação, atrás.

Tupi latia desesperado e o Gordo garantiu que o Dedé estava chorando.

Nós corremos todos para ver o que era, eu, o Gordo, o Maneco de dona Luzia e até a Lulu.

A Lulu era irmã do Gordo, e vivia se metendo nas nossas brincadeiras.

O Gordo tinha feito um regime e era magrelo, mas todo mundo continuava chamando ele de Gordo.

O Maneco da dona Luzia era o mais alto, desengonçado, e tinha uma fala muito engraçada. Por isso, às vezes, a gente o chamava de *Marreco* da dona Luzia.

Ah! Ia esquecendo, o Dedé caiu da bicicleta, por isso aquele choro desesperado.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **59** segundos.

O TEMPO DO MEU AVÔ

O tempo do meu avô era um tempo de antigamente. Mas muito de antigamente mesmo.

Meu avô disse que viveu antes da guerra. Eu acho que isso já faz muito tempo, pois meu professor disse que os homens sempre fizeram guerra.

Se o meu professor estiver certo, meu avô é o homem mais velho do mundo.

E olha que ele nem parece tão velho assim. Quer dizer, ele nem tem jeito de múmia, nem é igual àqueles fósseis que a gente vê no livro de história.

Vai ver o tempo do meu avô nem é tão antigo assim. Eu acho que ele gosta de parecer mais velho do que é.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **55** segundos.

O MENINO VIAJANTE

Era uma vez um menino que viajava muito.

Mas ele viajava só em pensamento. Na verdade, nunca havia saído do lugar onde morava.

O menino gostava muito de ler, e seus livros preferidos eram aqueles de aventura.

Ele viajava na imaginação, com os personagens dos livros.

Uma hora o menino era um cavaleiro salvando uma princesa; outra hora era um viajante espacial; mais adiante ele era um pescador perdido em alto mar.

Seu pai vivia reclamando, dizendo que ele ia estragar a vista de tanto ler.

Mas sua mãe dizia que ler era bom, que ele ia ficar muito inteligente.

E o menino continuou lendo, e continuou viajando no pensamento.

E hoje ele é um adulto que viaja muito, mas que tem muita saudade do tempo em que podia ser qualquer coisa na sua imaginação.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **68** segundos.

O MENINO MISTERIOSO

Na minha cidade mora um menino muito levado.

Ele mora no meio de uns bambus que têm por trás da minha casa.

Qualquer coisa que acontece de errado por lá, dizem que a culpa é desse menino.

Se o leite talha quando está fervendo, a culpa é dele; se uma ventania derruba os quadros da sala, a culpa também é dele; se arrancam as flores do jardim, ele é sempre o culpado.

Mas dizem que mesmo assim ele é um menino legal, e que gosta muito de crianças.

Ele usa um gorro vermelho, está sempre de cachimbo no canto da boca, e tem uma perna só. E dizem que é bem pretinho.

Eu nunca vi esse menino, mas que ele existe, disso eu não duvido.

Meu pai disse que ele mora na nossa cidade desde que meu avô era bem pequeno, mas que o menino levado nunca cresceu.

Quem será ele?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **8** erros.	No máximo **76** segundos.

DUDU NOEL

Dudu se comportou bem o ano inteiro.

Ele queria impressionar o Papai Noel.

Dizia para todo mundo: − Como sou um bom menino, vou ganhar uma bicicleta no Natal.

Dudu sonhava com o Natal quase todas as noites. Quer dizer, ele sonhava mesmo era com a bicicleta que ia ganhar no Natal.

Dudu ajudava a sua mãe em casa e ia buscar as compras na mercearia sem reclamar. Vivia perguntando se alguém em casa precisava de ajuda.

Dudu até tomava banho todos os dias, sem precisar ninguém empurrá-lo para o banheiro.

De tanto falar como queria aquele presente, e de tanto falar naquela data, a turma o apelidou de Dudu Noel.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

A BAILARINA DO CIRCO

Chegou um circo hoje no meu bairro.

A meninada correu logo para lá, pra ver o que o circo tinha.

Uma pena que eles armaram tudo no nosso campinho. Enquanto eles ficarem por aqui não vamos jogar bola à tardinha.

Mas o circo tem um palhaço engraçado, um leão feroz e uma bailarina bonita. E tem um dono que faz muita propaganda do circo.

Quem acha o palhaço engraçado é a meninada do bairro.

Quem diz que o leão é feroz é o dono do circo, porque ele parece mesmo bem mansinho e bem velhinho.

E a bailarina bonita, bom, essa daí sou eu mesmo que acho.

Se ela quisesse eu até casava com ela, mas aí ela ia ter que deixar o circo e vir comigo pra escola todo dia.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **66** segundos.

O MENINO QUE CAVALGAVA PÁSSAROS

Corria atrás de leões e elefantes. Cavalgava pássaros e cruzava os oceanos montado em suas asas enormes. Enfrentava dragões, piratas e bandoleiros. E quando cansava de tudo isso, voltava a correr atrás de leões e elefantes.

Assim foi a infância do menino, preso àquela cadeira de rodas, as pernas para sempre imóveis, dois pedacinhos do seu corpo que dormiam em silêncio, sem nunca se mover.

O que o salvou foi a professora de olhar doce e azul, tão azul feito uma tarde de setembro. Aquela professora, que tinha a voz do mar à tardinha, acalanto de águas adormecendo o dia, foi quem o viu pela primeira vez, triste e isolado num canto da sala.

Até então ele passava despercebido, ou era apenas a curiosidade que o olhava, para logo, sem mais interesse, buscar os outros meninos, seus colegas de escola. E ele ia ficando, sem que ninguém desse por ele, preso àquela cadeira de rodas para sempre.

Mas aquela professora de mãos ternas empurrou a sua cadeira até a biblioteca. E pegando em sua mão lhe apresentou um mundo novo, de livros que encantavam. E desde então, aquele menino que não andava, aquele menino de pernas mortas, ganhou o mundo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

LAGOA DE MENINOS

A avó de Pedrinho contava histórias sem fim.

Aos domingos, uma lagoa de meninos se agitava em redor dela, finalzinho da tarde, para ouvir aquelas histórias.

– Era uma vez, num lugar muito, muito distante daqui...

A avó quase sempre começava assim, pois história de verdade pra criança, sempre tem que começar com “era uma vez...”. Mas às vezes, acontecia de a avó mudar um pouco as coisas.

– Num tempo, quando o meu avô chegou aqui, vindo da África...

Essas eram as histórias que o Pedrinho e sua tribo, irmãos, primos, amigos, parentes e aderentes, todos miúdos de dois a dez anos, mais gostavam. Era quando a avó começava a contar histórias da escravidão. O avô da sua avó veio da África, trazido num negreiro, um navio que transportava escravos. A avó da sua avó também veio da África, em outro navio, e se encontraram no Brasil.

A avó desfiava essas histórias, feito um rosário de contas que não acabava mais. A lagoa dos meninos se acalmava, apenas um leve ondear, aqui e acolá. Um suspiro da Mariana, quando a avó contava da viagem dos negros; uma lágrima do Vitorino, quando a avó contava dos açoites; apenas aqui e acolá, a lagoa dos meninos se ondeava um pouco.

E quase adormecia, e sonhava acordada, seguindo a voz da avó, feito navio balançando ao mar.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **11** erros.	No máximo **113** segundos.

AULA DE REDAÇÃO

A professora encrencou novamente com a gente. Tudo por conta do jeito como a galera escreve. Quando voltamos das férias, ela pediu uma redação e ficou uma fera com a turma. Disse que não queria mais saber desse negócio de escrever com abreviatura.

– Mensagem de texto é uma coisa, redação é outra totalmente diferente, entenderam?

Teve gente que se estressou, que a professora não tava ligada na nossa época, essas coisas. No início, eu também não gostei muito. Eu havia colocado um montão de abreviaturas na minha redação, do jeitinho que escrevo nas mensagens de texto. Mas depois vi que ela tinha razão. Tudo bem que a gente entende essa linguagem, a gente sempre saca o que o outro escreveu. Mas não é o correto, né? Quer dizer, eu deveria ter escrito "não é" no lugar desse "né". Quando a gente lê os livros da escola, os documentos, até mesmo as propagandas que a gente vê por aí, não tem essa linguagem cifrada que a gente usa.

Resolvi marcar uns pontos com a professora. Refiz a redação sem nenhuma abreviatura, toda no capricho. Acho que acertei na mosca, pois eu vi um sorrisinho disfarçado quando ela terminou de ler.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

OS SEGREDOS DE VITÓRIA

Vitória guardava todos os segredos no seu diário. Bem fechados, a sete chaves no diário que ganhara de presente de aniversário. Quando o pai foi embora de casa, Vitória guardou no caderninho a imensa dor que sentiu. Guardou ali também os suspiros e as olheiras da mãe, e o choro da irmã mais nova todas as noites antes de dormir.

Mas Vitória guardava também, no seu diário, as suas alegrias. Desde as grandonas, imensas, como a aprovação da irmã mais velha no vestibular, até às alegrias pequeninas, miúdas, como a do elogio que a professora de matemática lhe fez na frente de toda a turma.

O diário foi sempre o companheiro mais fiel de Vitória. Naquele companheiro ela podia confiar, contar os seus segredos. Havia coisas que só a ele confiava, nem mesmo a Marina, sua melhor amiga, sabia de tudo. O diário sabia, de todos os seus segredos.

Até o dia em que o Lucas apareceu. Vinha de outra cidade e foi estudar na mesma sala de Vitória. Desde a primeira vez Vitória ficou incomodada, com um sentimento novo, que não conhecia. E quando o Lucas ria para ela, do outro lado da sala, Vitória escondia o olhar, sem saber bem o motivo.

Aquele sentimento era ao mesmo tempo tão bom e tão dolorido, que nem mesmo para o diário Vitória teve coragem de contar. E trancou no peito os olhares e o sorriso de Lucas, um cadeado de medo fechando tudo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **12** erros.	No máximo **122** segundos.

O INVENTADOR DE ALEGRIAS

O avô partiu. Por isso a mãe falou que eu deveria me arrumar hoje, colocar a minha melhor roupa. Vamos nos despedir do avô, vou vê-lo pela última vez.

Estou triste, de uma tristeza tão grande que nem cabe toda dentro de mim. A mãe falou que eu não deveria ficar assim. O avô não iria gostar. O avô era homem de alegrias.

– Eu sou inventador de alegrias! – exclamou ele uma vez, o riso tão largo que enchia a casa com todas as cores.

– Vô, não existe a palavra inventador.

– Claro que existe, acabei de inventar. E vou desinventar o medo. E inventar os dias só com manhãs de domingo.

O avô era assim, feito só de alegrias. Acho até que um pouco lelé da cuca. Mas não houve no mundo, até hoje, ninguém mais legal que ele. Foi ele quem me ensinou a conversar com passarinhos, a ouvir a voz do rio, a assoviar para chamar o vento. Com ele aprendi o gosto das goiabas e o sabor de enrolar um pião, ponteira bem ajustada.

Mas agora o avô se foi, e eu queria ser como ele, para desinventar essa tristeza que veio morar em mim.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

A TORCEDORA

A avó ficava na janela de casa, o dia inteiro, olhando a rua. As pessoas que passavam apressadas, de um lado para outro, nem percebiam a avó naquela janela, sozinha, olhando a vida que ia embora.

A avó usava um vestido azul e branco, quase sempre, e um xale em uma das duas cores sobre os ombros. A avó usava uns óculos tristes, acho que de tanto espiar as tristezas do mundo. Quase nunca ria, quase nunca falava, a avó que morava naquela janela.

A avó dizia que havia chegado a uma idade em que havia pouco ou nada para fazer. O Betinho uma vez perguntou a avó o que ela fazia o dia inteiro. A avó respondeu que esperava, apenas esperava. A única coisa que iluminava a avó azul e de óculos tristes era o jogo de bola dos meninos, à tardinha.

Os meninos jogavam bola num campinho quase em frente a sua casa. Um campinho pobre e triste, de terra batida, as traves improvisadas com tijolos ou com os chinelos dos meninos, empilhados uns sobre os outros.

Mas como gritavam, aqueles meninos! Mas como riam, aqueles meninos!

A avó era a torcedora solitária daqueles craques de pés descalços.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

TIMIDEZ

Sempre que passo ela baixa a cabeça, ou finge olhar para outro lado. É como se os olhos dela fugissem de mim e ao mesmo tempo me olhassem. Os olhos dela brincam de esconde-esconde comigo.

Camila, é assim que ela se chama. Só ontem é que soube o nome dela. Descobri por acaso. Quando passei por ela ouvi sua mãe chamando. Ela ficou vermelha e correu para dentro. Passei o restante do dia ouvindo a voz da mãe dela nos meus ouvidos, repetindo: "Camila! Camila!".

Aquela rua não é o caminho mais curto para a minha casa. Eu nunca voltava da escola por ali. Mas desde o dia em que a vi faço sempre o mesmo percurso. Às vezes até invento de andar sozinho, no meio da tarde, e passo por ali pra ver se a encontro.

No sábado, eu ia passando pela pracinha do bairro quando a vi, vindo na minha direção. Dessa vez fui eu quem teve vontade de correr. Minhas pernas bambearam. Ela vinha sozinha, caminhando na minha direção. Era a chance que eu tinha de falar com ela. E ela veio, até riu pra mim. Dei meia volta e corri. E não passei mais naquela rua.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

O MENINO QUE ERA PASSARINHO

O menino descobriu um dia, admirado, que antes de ser gente, havia sido passarinho. Estava a balançar a rede, o pé na parede a voar alto, quando fez a descoberta. Correu pra cozinha e foi dizer pra mãe, habitando entre panelas e temperos, a grandíssima novidade. A mãe arregalou os olhos de quase engolir o menino.

− Que história é essa de passarinho? Deu pra ficar lelé, agora?

E continuou nos seus afazeres de mãe, que não terminam nunca, nem mesmo quando a gente está dormindo e só elas despertas, zanzando no escuro das casas.

Mas o menino, que já sentia as asinhas lhe beliscando nas costas, ansiosas por nascer, não se deu por vencido e procurou a avó, que domingava em frente à televisão.

− Vó, sabia que eu já fui passarinho?

A avó, assim meio dormindo pela metade, pregou o espanto no rosto do menino e expeliu sua certeza:

− Esse menino precisa ir ao médico, está conversando doidices.

E voltou ao seu cochilo, vendo sem ver nada do que a televisão dizia.

O menino suspirou três desencantos, abriu seu saco de mistérios, sacudiu as asas coloridas e voou para longe da falta de imaginação das gentes grandes.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

A VENDEDORA DE RUA

— Ô de casa, moço! – gritava Marlene de porta em porta.

— Ô de casa, dona! – repetia Marlene pela rua empoeirada.

Trazia uma sacola pesada nas mãos e uma mochila nas costas.

Vendia perfumes, sabonetes, loções de barbear, óculos de sol, cremes para as mãos.

Se fizessem a encomenda, vendia também brincos, colares, pulseiras.

De segunda a sábado, das sete da manhã às sete da noite, só com uma pausa para o almoço, Marlene vendia coisas de porta em porta.

Aos domingos arrumava a casa, lavava suas roupas, e esperava um namorado que vinha a cada quinze dias.

E na segunda-feira continuava novamente, porta em porta.

— Ô de casa, moço!

— Ô de casa, dona!

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

ALEGRIA DE MENINO

Marcelo passou gritando pela casa do Tico.

— Chegou, chegou!

Paulinho ouviu o grito e também correu, afobado, em direção ao campinho de futebol.

O Zeca, o Vavá, o Morcego, estavam todos lá.

Até o cãozinho do Zito, o Fubazinho, abanava o rabo e dava latidos de alegria, como se entendesse toda aquela confusão.

A meninada havia juntado moedinha por moedinha, durante quase seis meses, mas agora ela estava ali, comprada com o dinheiro economizado por eles.

Ambrósio, motorista do ônibus que viajava para a capital, abriu a sacola e com cuidado desembrulhou o pacote.

Os olhos dos meninos brilhavam, encantados. Até o Fubazinho parou de latir.

Ali estava ela, redonda, brilhante, a bola de futebol oficial que eles tinham comprado.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **60** segundos.

MENINO MEDROSO

A abelha passou zunindo
Pela orelha do menino
O menino assustou-se
Ai, que zumbido mais fino!

A abelha foi embora
E o menino nem a viu
Atrás dela o zumbido
Também depressa partiu

Um cão latiu muito perto
E o menino teve medo
Ah! Que menino medroso
Isto não é mais segredo

Bem depressa o menino
Correu para a casa sua
Pensando com seus botões
— É perigosa esta rua.

Dentro da casa o menino
Cobriu-se com seu lençol
Ficou lá todo encolhido
Parecendo um caracol

Ah! Que menino medroso.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **4** erros.	No máximo **45** segundos.

VIAJANTE ESPACIAL

Eu estava tão solitário
No meio da minha rua
Decidi: — Vou passear!
Dei um pulo, fui à lua

A lua estava deserta
Sem ninguém para brincar
Peguei carona no vento
Lá em Marte fui parar

Fazia muito calor
Quase pego insolação
Saí de lá rapidinho
Próxima parada: Plutão

Em Plutão fazia frio
E eu não levava casaco
Corri logo pra Saturno
Quase caio num buraco

Percorri a via láctea
Em menos de um segundo
Voltei correndo pra Terra
Como é pequeno este mundo

Aí, bateram na porta
Acordei num sobressalto
Bem no meio da janela
O sol sorria do alto

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **50** segundos.

OS VIZINHOS MAIS ANTIGOS

Prudêncio e Maricota vivem sozinhos.

Não criam gatos, nem cachorros, nem papagaios.

Há muito tempo moram na mesma casa. Na mesma casinha azul com janelas pintadas de amarelo.

Meu pai disse que eles foram os primeiros a chegar à nossa rua.

— São os nossos vizinhos mais antigos. – falou certa vez.

Prudêncio e Maricota sentam na calçada todos os dias, à tardinha. É a hora de o carteiro passar.

Toda semana o carteiro traz cartas de Marta e de Adriano, filhos deles que moram longe, muito longe.

Prudêncio abre as cartas com cuidado, confere o endereço, examina os selos. E vagarosamente lê o que os filhos escrevem, em voz alta, para Maricota ouvir.

Maricota quase sempre chora, e eles ficam cada vez mais sozinhos, nossos vizinhos mais antigos.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **64** segundos.

DECEPÇÃO

Amarelinha, no ponto, no alto do galho.

A varinha era curta, não dava para cutucar de baixo e derrubar. O jeito era subir devagar, com cuidado, e ver se dava pra pegar com a mão.

Amarela, bem amarelinha por fora. Zeca suspirou, devia estar bem vermelhinha por dentro, madura, doce. Conhecia bem aquelas frutinhas.

O jeito mesmo era encarar e subir com cuidado. Logo ele, que tinha medo de altura. Não admitia pra ninguém e, quando preciso, até encarava. Mas tinha medo. Ali sozinho, pra si mesmo, podia admitir. Tinha medo de altura mas a tentação era maior, chegava a dar água na boca.

Lembrou ainda do que o pai sempre dizia:

– Goiabeira é pau traiçoeiro. A gente vê por fora, lisinho, bonitinho, mas por dentro pode estar apodrecendo. Aí a gente pisa e despenca lá do alto. É braço quebrado na certa, ou coisa pior ainda.

A goiaba estava lá, madura de dar gosto, e Zeca foi subindo, devagar, testando o galho antes de pisar com força. Estirou a mão e apanhou, feliz por ter conseguido. Quase havia esquecido o medo.

Quando deu a primeira mordida viu o bichinho, que esperto havia chegado antes dele, dentro da goiaba.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

FLOR DE CARAÚBA

Camilo virou a cabeça para o canto da sala quando a professora anunciou:

– Temos uma nova aluna na sala.

Era o primeiro dia de aula do segundo semestre e, como sempre, Camilo chegara e sentara na sua cadeira, na fila da frente, sem nem reparar no resto da turma.

Mas agora, sem saber porque, virara a cabeça à procura da nova aluna.

Os olhos da menina bateram no peito de Camilo feito um martelo, uma coisa que ele não sabia explicar. Queria continuar olhando para ela, para o sorriso que lentamente se desenhava no seu rosto, mas alguma coisa lhe fez baixar os olhos, enquanto uma fogueira lhe queimava o rosto.

– A Teresa mudou para cá este mês e vai estudar aqui. Deem as boas-vindas para ela.

Camilo nem escutava a professora, pensando nos olhos de Teresa, aqueles anzóis que fisgaram os seus e os puxavam para ela, olhando sem querer.

Os olhos de Tereza eram amarelados, de uma cor que ele nunca vira, e quando ela ria, era como se fosse o rosto inteiro, o corpo inteiro se abrindo num sorriso.

Camilo lembrou da flor da caraúba, parecendo um enorme vaso dourado no quintal da sua avó. A avó dizia que flor vermelha era paixão e flor amarela era amor.

Ele não entendia bem o que era aquilo, mas sabia que quando Tereza ria pra ele, era como uma imensa flor de caraúba, crescendo amarela dentro do seu peito.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **12** erros.	No máximo **121** segundos.

SEU JACARÉ EXISTE?

Lá vai seu Jacaré
Passeando na lagoa
Feliz, de braços dados
Com a dona Jacaroa

– Jacaroa não existe! –
Grita bem alto o sapo
De dentro da lagoa

– Como assim, não existe? –
Responde o seu Jacaré
– Eu até casei com ela
E nasceu um jacarinho

– Jacarinho não existe! –
De cima de uma árvore
Grita alto o passarinho

– Como assim, não existe? –
Responde o seu Jacaré
– Ele até já cresceu
E virou um jacarão

E zangado abocanhou
O sapo e o passarinho
Que deixaram de existir
Bem depressa, rapidinho

E agora, seu Jacaré
Passeia na lagoa
Feliz, de braços dados
Com a dona Jacaroa

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

O AVÔ DE BERNARDO

O avô dormia a sono solto, manhã inteira. Acordava apenas quando a avó chamava, para comer alguma coisa ou tomar algum remédio. O avô era tão velhinho que Bernardo nem conseguia contar a sua idade.

Às vezes Bernardo passava em correria e o avô acordava, assustado.

– Quem é você?

– Sou Bernardo, seu neto.

– Meu neto?!

E o avô ficava ali, olhando o mundo, tentando lembrar daquele menino que ansiava por escapar da sua mão e voltar as suas brincadeiras.

Mas às vezes o avô chamava Bernardo e lhe contava histórias. Sabia um sem fim delas, de quando o mundo era muito diferente. Nessas horas, o avô encantava Bernardo. O mundo das histórias do avô tinha coisas que só ele sabia: bichos que falavam, uma onça que tocava sanfona, um urubu violeiro, um gigante de quase trinta metros de altura.

Bernardo tinha medo só de ouvir o avô falar no gigante, com uma espada que era maior do que a maior árvore que Bernardo já tinha visto.

Um dia o avô, de tão velhinho, foi embora. E deixou Bernardo triste, sonhando que o avô tinha ido para outro mundo, enfrentar o gigante e tocar na viola do urubu.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

NO MUNDO DA LUA

Meus amigos dizem que eu vivo no mundo da lua. Quem dera! Eu vivo mesmo é no mundo da terra. Aliás, que mundinho mais chato, né? Se eu pudesse, bem que iria morar na lua, eu ia adorar conhecer aquele dragão que tem lá, aquele que São Jorge tentou mas não conseguiu matar.

Meus amigos dizem que eu sou estranho só porque gosto de conversar com o meu gato. Você não sabia que os gatos falam? Pois fique sabendo que o *Maneco* é muito conversador e gosta muito de futebol. Não acredita? Pois no próximo domingo vá lá em casa, que eu te apresento o *Maneco* e, quem sabe, a gente até conversa sobre o campeonato.

O *Trovão* também fala. Tanto conversa comigo quanto com o *Maneco*. Aliás, eles dois são muito amigos, contrariando essa história que cachorro e gato gostam de brigar. O *Trovão* e o *Maneco* são a prova de que todo mundo pode se dar bem, mesmo que sejam bem diferentes um do outro.

Você não acredita? Pois venha comigo, vamos bater um papo com o meu gato e o meu cachorro. Mas vou logo avisando, precisa ter ouvido especial para entender o que eles dizem, tá?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

OS AMIGOS FOTÓGRAFOS

A Lia e o Zeca são muito amigos e gostam muito de fotografias.

A Lia ganhou uma máquina supermoderna no seu aniversário.

Ela e o Zeca passam todo o tempo livre fotografando as coisas.

A Lia gosta muito de fotografar os pássaros e as flores. Às vezes ela faz várias fotos de uma mesma flor, de ângulos diferentes.

O Zeca gosta mesmo é de fotografar as pessoas. Ele prefere fazer fotos em preto e branco. Ele diz que o bom da fotografia é conseguir perceber a emoção das pessoas.

Eles estão até pensando em fazer uma exposição das fotos deles no pátio da escola.

A professora Cilene disse que a escola vai ajudá-los.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **57** segundos.

A MENINA TRISTE

Eu hoje conheci uma menina muito bonita.

Eu estava na venda da esquina quando ela passou.

Ela usava um vestido verde e tinha uma fita dourada no cabelo.

Os olhos dela pareciam muito tristes, e ela nem olhou para mim.

Na verdade, eu acho que ela não olhava para ninguém.

Eu acho que aquela menina era muito, mas muito triste.

Quando ela passou por mim, quase dava para sentir o cheiro da tristeza dela.

Eu só queria descobrir o que fazer para acabar a tristeza daquela menina.

Eu queria que ela fosse feliz e que sorrisse muito.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **50** segundos.

O CURIOSO

Toda vida me chamaram de curioso. Alguns até diziam que eu era xereta.

Não é verdade!

É que eu sempre gostei de saber o porquê das coisas.

Não sou xereta, sou perguntador. Tem muita diferença entre uma coisa e outra.

Quando era pequeno eu perguntava o nome de todas as ruas por onde passava. Será que isto é ser curioso?

Eu queria saber para não me perder, quando saísse sozinho de casa. Só que a minha mãe nunca me deixava sair sozinho. Adulto nunca compreende as crianças.

Curiosidade mesmo eu só tenho uma: quem foi que inventou que eu sou curioso?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **50** segundos.

SEU MANUEL, O LEITEIRO

Lá vai seu Manuel
Tangendo seu burrinho
Andando devagar
Com passo miudinho

Lá vai seu Manuel
Tangendo seu burrinho
Gritando de porta em porta
– Olha o leite bem fresquinho!

Lá vai seu Manuel
Igualzinho a todo dia
Mesmo leite, mesma cara,
De tristeza ou de alegria

Lá foi seu Manuel
Tangendo seu burrinho
Não vende mais o seu leite
Sumiu pelo caminho

Lá foi seu Manuel
Tão triste, tão cansado
Nós nunca mais o vimos
Perdeu-se em nosso passado

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **4** erros.	No máximo **40** segundos.

A PROFESSORA DO 5º ANO

Era uma paixão coletiva.

De repente, todos os meninos da sala haviam se apaixonado.

A maioria de nós sofria em silêncio, olhando para ela, sem conseguir pensar em mais nada.

O único que criou alguma coragem foi o Nem, filho da dona Justina, dona da mercearia. Ele um dia levou uma flor e entregou pra ela. Quando ela deu um beijo no rosto dele, de agradecimento, ele ficou mais vermelho do que a flor. Durante mais de um mês a turma zoou com ele, chamando de *Botão de Rosa*.

Quando saiu o resultado das provas bimestrais foi um deus-nos-acuda, todos os meninos tiraram nota baixa.

Também, pudera! A gente só tinha olhos para ela, como íamos prestar atenção nas aulas?

Aquele ônibus vermelho partiu os nossos corações, quando a levou embora no finalzinho do ano, à tardinha, para nunca mais voltar à nossa cidade.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **72** segundos.

O ZITO

Quando o Zito veio morar com a avó dele eu ainda era bem pequeno. Cresci com o Zito aqui por perto, comandando as brincadeiras da gente.

Zito sabia fazer de tudo, carrinho de lata com roda de chinelo, pião, triângulo, pipa, tabuleiro de dama de papelão. Ele fazia de tudo.

Mas a maior de todas mesmo foi quando ele salvou o Mica daquele bueiro. Havia chovido muito, o riacho enchera e, se não fosse o Zito, o Mica teria sido levado pela correnteza. Virou nosso herói de vez, dali pra frente.

O Zito era capaz de qualquer coisa, eu acho até que se pedissem ele inventava uma nave espacial pra levar a gente a outros planetas. Mas isso a gente nunca pediu.

Que Homem de Ferro, que nada! Nosso super-herói era o Zito.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **67** segundos.

A VIAGEM DE CAMILA

Camila sonhava em viajar para lugares distantes. Queria conhecer o mundo, lugares outros diferentes do seu. Queria ver a neve, pegar, sentir nas mãos. Queria sentir o calor do deserto, aquela imensidão de areia e sol. Camila gostava de Geografia mais do que de qualquer outra matéria. No livro de Geografia ela viajava em pensamento.

Camila era muito curiosa e lia muito. Um dia ela viu uma notícia que a fez sonhar mais ainda. Leu que num lugar distante no continente africano, numa região chamada Chifre da África, apareceu uma rachadura no solo. Essa rachadura começou a se espalhar e já se estende por muitos quilômetros.

Os cientistas dizem que, daqui a alguns milhões de anos, aquela região vai se separar da África e formar uma ilha enorme, flutuando no oceano Índico e se afastando da África.

Quando Camila leu aquela notícia, sonhou mais ainda. É que ela queria viajar e conhecer o mundo, mas não queria sair do seu lugar. Ela gostava da sua casa, da sua rua, da sua cidade e dos seus amigos.

Camila começou a pensar que, se morasse no Chifre da África, a sua cidade poderia virar uma ilha, viajando sem parar pelos sete mares.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

A DOENÇA DE PEDRO

Pedro andava triste, calado, pelos cantos da casa.

A mãe de Pedro começou a ficar preocupada.

− O que será que esse menino tem?

Nem adiantava perguntar, Pedro suspirava, soltava um “não é nada” e sumia a se esconder em algum canto.

Pedro só se animava, ultimamente, para ir à escola. A mãe nunca vira o menino tão animado assim para estudar. Agora ele se arrumava sozinho, tomava banho sem ninguém mandar, e despejava baldes de perfume antes de sair de casa.

A mãe ficava mais preocupada ainda. O menino fazia as tarefas de casa antes que ela mandasse. Quando ia dizer que ele se aprontasse ele já vinha todo vestidinho na farda, o cabelo bem penteado.

A mãe perguntava e perguntava, mas Pedro não respondia nada. Era sempre o mesmo resmungo “não é nada”, tão baixo que quase não se entendia. Se a mãe insistia, o menino se zangava, fechava a cara, embravecia.

A mãe de Pedro já estava pensando em ver se marcava uma consulta. Aquele menino havia de estar doente, era a única explicação. Quem sabe o médico não conseguia ajudar?

Foi quando Dona Zuzu, a avó de Pedro, chegou e viu o menino. Bastou um instante para a velhinha cheia de sabedoria desvendar todo o mistério.

− Não é nada de doença, minha filha. O que esse menino tem é paixão. E das brabas!

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **11** erros.	No máximo **114** segundos.

MENINO E LAGARTIXA

A lagartixa morava ali há tempo que nem contava. Já havia perdido três rabos, artes de meninos da outra rua, com pedras de baladeira. Os rabos cresceram de novo, mas a lagartixa, escaldada que nem gato, fugia de menino com baladeira.

Agora passava o tempo naquele quintal, esquentando o sol em cima do muro. Conhecia bem o menino da casa da direita, não precisava ter medo dele. Aquele ali vivia sonhando, imaginando os mundos embaixo da mangueira grande.

A menina da casa da esquerda é que chegara há pouco tempo, mas já era assim quase que amiga da lagartixa. Mudara-se naquele ano, vinda de outra cidade. Trazia um mar dentro dos olhos, ou antes um canavial, que inundava de verde a alma da gente, quando ela olhava com o olho grande, derramado.

Pois foi aquele olho de palha de cana que apaixonou o menino e a lagartixa. O menino, desde que a menina chegara, não pensava noutra coisa. Não imaginava mais os mundos debaixo da mangueira grande. Vivia agora só de suspiros. A lagartixa suspeitava até que ele cometia poesia às escondidas.

A lagartixa só contemplava a menina, embriagada dos seus olhos, balançando a cabeça pra cima e pra baixo quando o sorriso da menina se despregava do rosto e voava pelo quintal.

A lagartixa e o menino agora eram rivais, disputavam o coração da menina, que nem dava conta da existência deles. Eram apenas um menino e uma lagartixa, nada mais do que isso.

Enquanto isso, eles ali, se afogavam no verde dos olhos da menina, afundando mais um pouco todos os dias.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **13** erros.	No máximo **132** segundos.

SAUDADE

Não havia, naquelas ruas da minha infância, companheiro melhor do que o Zezinho. Estava sempre ali, para o que desse e viesse.

Gaiola de passarinho? Ninguém fazia como ele. No capricho, sabe? Cortava as talas de carnaúba e ia aparando uma a uma, numa paciência sem fim. Quando acabava, a gente custava a crer que aquilo havia sido cortado à mão, aparada pelos dedos caprichosos do Zezinho. E os furos? Marcava com um grampo de cerca e furava com agulha quente. Os furinhos na tala ficavam todos iguais, na mesma distância um do outro.

E pipa? Ah! Não havia ninguém como o Zezinho para fazer e para empinar pipa, que subia colorida no céu, alegrando o céu da tarde, que abria um riso azulado.

Bila, triângulo, bola, não havia brincadeira que o Zezinho não fosse um dos melhores. Mas a melhor coisa mesmo do Zezinho é que ele era amigo, daqueles amigos que são quase irmãos, sabe?

Mas um dia, aquele trem me trouxe pra cá, pra nunca mais voltar, um trem que ainda hoje dói dentro de mim.

E hoje eu vi uma pipa, voando alta no céu, colorida e sorridente. E deu uma saudade danada do meu amigo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

MACAQUINHA SOFIA

O macaquinho agarrava nas costas da mãe, que pulava de galho em galho, do chão até a árvore mais alta. Cá embaixo, Sofia era só sofrimento. Torcia as mãos e olhava aflita para o alto:

− Mãe, e se o macaquinho cair?

A mãe tranquilizava:

− Não se preocupe, a mãe dele tem cuidado, não vai cair.

− Mas mãe, o macaquinho está nas costas dela, ele é que está se segurando. Se não tiver cuidado, vai cair lá de cima.

A mãe fez um gesto que tanto podia ser “não se preocupe” ou “tanto faz”, e passou a prestar atenção nos macacos que pulavam ali perto, cuidando da sacola que trazia na mão.

Vez por outra, um macaquinho mais afoito corria e tirava coisas das mãos das pessoas, das sacolas, dos cabelos. Eram rápidos! Quando o sujeito olhava, o macaco já estava longe, segurando uma bala, uns óculos, um biscoito, o que encontrasse.

Mas Sofia, coraçãozinho apertado, só tinha olhos para o macaquinho agarrado às costas da mãe, pulando nos galhos mais altos. Só tirou os olhos dele quando a mãe chamou:

− Vamos, macaquinha!

Rápida, subiu nas costas da mãe e se foi, balançando ao sol, feito macaco-prego agarradinho.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

O ALUNO NOVATO

Chegou um aluno novato na nossa escola.

Ele veio de Imperatriz, que é uma cidade que fica no Maranhão.

Ele é um aluno muito estudioso e é muito atento às explicações da professora.

As matérias preferidas do Fábio, que é como ele se chama, são Português e Matemática.

O Fábio é um cara muito legal, fez logo amizade com a turma toda, e até mesmo com o pessoal do sétimo ano, que é bem mais velho que a gente.

Mas a verdade é que os outros meninos da sala, e acho que eu também, ficaram com um pouquinho de ciúmes dele. As meninas vivem querendo agradar o Fábio.

Até a Lia, que dizia que gostava de mim, fica olhando pra ele, parecendo que tem a cabeça no mundo da lua.

Acho que eu deveria ter nascido no Maranhão.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **7** erros.	No máximo **70** segundos.

AULA DE HISTÓRIA

Fernanda nem piscava, os olhos grudados nele. A professora explicava a matéria nova de história, mas Fernanda nem ouvia. Cristóvão Colombo estava avistando os índios, quase descobrindo a América, mas Fernanda navegava por ali mesmo, olhos postos no fundo da sala.

Encolhido na cadeira, igual ao marinheiro de Colombo na cesta do mastro, Josué sentia o olhar de Fernanda. Mas não tinha coragem de olhar de volta. Sabia que, se olhasse, ela iria desviar a vista, fingir que estava olhando pra outro lugar.

Tentou prestar atenção na professora, Colombo já havia desembarcado em São Domingos e Pedro Álvares Cabral já partia para o Brasil. Josué arriscou um olhar. Para sua surpresa, Fernanda não desviou o dela, olhou para ele e deu um sorriso.

Josué ficou quase tão espantado quanto os índios da explicação da professora, que àquelas alturas avistavam os portugueses pela primeira vez. Tentou retribuir o sorriso.

− Será que ela recebeu o meu bilhete?

Havia escrito com letra caprichada, dizendo que a achava muito bonita.

− Será que ela leu?

Do outro lado da sala, Fernanda olhava para ele, quase rindo.

Foi quando Cabral partiu de volta e a sineta tocou, quebrando o encantamento da aula de história.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

A BORBOLETA APAIXONADA

A borboleta azul volteava pelo jardim na manhã fria de abril.

Subia e descia entre as flores, arriscava um voo rasante sobre as nove horas vermelhinhas, cheia de graça. Logo depois, pousava no alto, na papoula vermelha que olhava orgulhosa por cima dos ombros.

A borboletinha descansava um pouco e logo depois voltava a voar, aviãozinho de asas frágeis, balançado pelo vento.

O vento, aliás, sempre que podia, dava uma ajudazinha à borboleta. Soprava daqui, soprava dali, empurrava para cima e para baixo aquele pontinho azul, entre as flores do jardim.

A borboleta paquerava todas as flores mas não assumia compromisso com nenhuma. Dava um olá comprido para as margaridas, que se derretiam todas. Às vezes abraçava uma dália que morava no fundo do jardim. Outras vezes, piscava o olho para o girassol grandão que só queria saber de olhar o sol.

Subindo e descendo, volteando o seu azul pelo jardim inteiro, a borboletinha gostava de todas as flores, mas não cedia aos encantos de nenhuma. O vento, que era seu grande amigo, era o único que sabia do seu segredo.

A borboletinha era apaixonada por uma flor de jitirana, tão azul quanto ela, que morava no fim daquela rua.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

BRINCANDO DE POESIA

Seu Joaquim da padaria
Toma banho com água fria
O vigia da escola
Não gosta de jogar bola

O cachorro do vizinho
Corre atrás de passarinho
Ele pensa que é um gato
E toma leite num prato

Eduarda e Mariana
Assoviam e chupam cana
Correm, pulam amarelinha
Soltam pipa, perdem a linha

E eu? Como assim, o que é que eu faço?
Pego palavra, junto com outra, corto pedaço,

E qual o nome que se dá
Ao que é feito por mim?
Ora essa, é poesia,
Poesia, simples assim.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **4** erros.	No máximo **45** segundos.

FINAL DE ANO

Finalzinho do ano é sempre assim, eu acho. Acho que em toda escola, em todo lugar é assim. Finalzinho do ano é alegre e é triste. E às vezes ele pode ser muito alegre e muito triste ao mesmo tempo. Será que dá para entender?

A Vevé foi me contando aos poucos. Ela disse que não queria me ver triste, mas eu acho que ela queria mesmo era retardar a tristeza dela.

Assim, como quem não quer nada, ela foi soltando aos poucos. Primeiro ela disse que as coisas em casa não andavam muito bem. O pai dela está desempregado, a vida está difícil. Está difícil pra todo mundo, eu sei. Meu pai e minha mãe vivem dizendo que precisamos apertar mais o cinto, que a coisa pode ficar feia.

Depois ela veio com um papo esquisito, falando sobre a avó, que morava numa casa grande em outra cidade. Disse que a casa da avó era suficiente para abrigar a família dela, que a avó morava sozinha, que a mãe ia gostar de ficar junto dela. Ainda disse que a casa tinha um quintal enorme.

Mas ontem, no finalzinho da aula, ela falou que ia se mudar. Falou que no próximo ano eles iam pra outra cidade, pra cidade da avó.

Eu fiquei assim, meio sem falar, com uma coisa ruim no peito, uma coisa que não larga de mim, até agora. Acho que essa escola nunca mais vai ser a mesma, depois que a Vevé se mudar daqui.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **12** erros.	No máximo **125** segundos.

O ENFERMEIRO DE BICHOS

O menino era enfermeiro de bichos. Era assim que a mãe o chamava.

Vivia trazendo bichinhos machucados para casa. Parece que tinha um radar instalado na cabecinha. Encontrava animais feridos nos lugares mais improváveis. Improváveis também, muitas vezes, eram os bichos que ele encontrava.

A casa parecia um hospital veterinário. Por mais que a mãe reclamasse, por mais que a irmã mais velha desse chiliques, havia sempre um bichinho doente sendo tratado por lá.

Já recolhera de tudo pelas ruas da redondeza. Gatos, cachorros, tartarugas, passarinhos. Um dia apareceu com um grilo que teve uma das patas arrancadas. Ninguém sabe como ele encontrou aquele grilo. Cuidou do bichinho, que fugiu da caixa de papelão depois de curado mas ficou pela casa, cantando pelos cantos sem que ninguém lhe encontrasse.

No dia em que trouxe para casa um rato sem o rabo a mãe perdeu a paciência. Com a irmã gritando em desespero, obrigou o menino a livrar-se do animal. Ele o fez, chorando e com o coração partido, por não poder cuidar do animalzinho.

Atualmente estão internados no seu "hospital" uma garça grande e triste e um coelho assustado que só pensa em fugir. A mãe deu o prazo de uma semana para que a garça ficasse boa e voasse. Ou isso, ou ela fecharia para sempre a porta de entrada aos animais.

O menino suspirou e pensou que vida de enfermeiro de bichos é mesmo muito difícil.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **12** erros.	No máximo **119** segundos.

A ESPERA

Ficávamos todos na esquina amarela, à sua espera.

A gente continuou chamando de esquina amarela mesmo depois que o pai da Rute mudou a cor da casa.

Esperávamos lá, amontoados naquela esquina, todos os dias, à espera da sua passagem.

Ele nunca se atrasava, mas caminhava sem pressa, quase devagar.

Quando passava por nós, nem nos notava, seguia pelo meio da rua como se a gente nem existisse.

O *Tonton* dizia que ele era perigoso, mas a gente nunca ligava para o que o *Tonton* falava. Às vezes a gente errava de propósito o apelido dele e o chamava de *Tonto* ou de *Tontinho*.

Uma vez esperamos na esquina amarela por uma eternidade e ele não apareceu.

Durante quase um mês ficamos lá, esperando, olhando cada um que vinha ao longe, na esperança de que fosse ele. Nunca era.

Não veio nunca mais, e nossa rua também nunca mais foi a mesma.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **8** erros.	No máximo **76** segundos.

SURPRESA DE AVÓ

A avó do Caco prometeu que na sexta-feira nos faria uma surpresa.

Passamos a semana inteira esperando.

O Caco achava que a surpresa seria um daqueles bolos gostosos que a avó fazia.

A Mariana apostava que seria um brinquedo antigo. Às vezes, a avó do Caco tirava do baú umas coisas “da hora”.

O Dudu, a todo instante, torrava a nossa paciência:

– O que será? O que será, hein?!

Nenhum de nós chegou nem perto de adivinhar.

Quando chegou a sexta-feira, a avó do Caco conseguiu deixar todo mundo de boca aberta.

Aquela foi a surpresa mais surpreendente de toda a nossa vida.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

A MENINA E A FLOR

Desde pequena eu gosto muito de flor. De tudo que é tipo de flor. Sou encantada com as cores, com os cheiros.

Quando era bem pequena eu vivia procurando os jardins. Minha casa era muito pequena também. Não havia jardim. Não tinha nem mesmo quintal. Por isso eu não tinha flores em casa.

Eu gostava das flores da rua, essas que nascem em qualquer lugar. Gostava das xananas, que é uma florzinha miúda, quase branca, quase amarela, que dá em qualquer lugar na época das chuvas.

Cresci assim, gostando tanto de flor que minhas amigas me apelidaram de Maria Flor. Algumas até mesmo me chamam de Florzinha.

Quando fui pra escola, não sei se foi coincidência, mas as minhas melhores amigas tinham nome de flor: Açucena, Margarida, Rosa, Violeta, Jasmim.

Esse ano chegou um menino na minha escola. Ele é muito tímido, muito reservado, quase não fala. Os outros meninos implicam com ele, porque ele está sempre sozinho. Às vezes ele passa por mim quando vou para casa. Mas sempre baixa o olhar e caminha mais rápido.

Ontem eu ia sozinha quando ele passou por mim mais uma vez. Olhou para mim, diminuiu o passo e abaixou no canto da calçada. Colheu de lá uma jitirana azul, tão delicada, com aquele azul que é só delas, de mais ninguém. Depois ele riu pra mim e me deu a flor. Entregou e foi embora, mais rápido do que nunca.

Dessa vez fui eu quem ficou sem fala. Estou até agora assim, rindo azul, feito uma jitirana.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **13** erros.	No máximo **128** segundos.

MENINO

Ficou ali, madrugada inteira, esperando a manhã.

A praça era bonita. Mesmo assim, à noite, naquela quase escuridão, a praça era bonita.

A noite tinha habitantes estranhos. Ficou ali, no banco daquela praça, madrugada inteira. Via os passageiros da escuridão, os moradores noturnos. O gato grande, cinza, tão sozinho quanto ele. Pulou na lixeira, remexeu atrás de alguma coisa pra comer. O rabo grosso, peludo, abanava fora da lixeira. Desistiu, saiu bamboleando, passo de dança, um miado feito um cumprimento, um boa noite.

O vigilante do prédio da esquina dormia a noite toda. Uma única vez apareceu por trás dos vidros, deu uma espiada sonolenta, e voltou a cochilar na cadeira estofada.

Aquele banco era duro para uma noite inteira. Na madrugada, esperando a manhã, pensou se poderia voltar pra casa. A mãe ainda estaria zangada? Aprontara feio dessa vez, será que a mãe ia perdoar?

E se voltasse, e se fosse pra casa? O que será que a mãe ia fazer?

O galo campina cantou alto. Um canto solo, à capela, sem orquestra. Cantou novamente. Um trinado bonito. O galo campino anunciava a manhã. Não dava para ver o passarinho, estava escondido entre as folhas das árvores. Mas ouvia. Um canto bonito. Bonito e triste. Triste de doer dentro da gente. Ou talvez fosse a tristeza que estava morando dentro dele, sozinho naquela noite escura.

A manhã vinha, devagarinho, assim com medo de assustar a noite. A manhã vinha chegando. E ele, que iria fazer? Como voltar pra casa depois de tudo que fizera? Encolheu mais ainda no banco duro e chorou. Chorou em silêncio, enquanto o galo campina saudava a manhã.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **14** erros.	No máximo **137** segundos.

ÁRVORE QUE DÁ MAIS DE UMA FRUTA

Subi num pé de lima
Mas lá não tinha limão
Desci, fui na goiabeira
Também não tinha mamão

Não vi manga na jaqueira
Nem jaca na laranjeira
Não vi nenhuma laranja
Pendurada na mangueira

Só encontrei as bananas
Num cacho na bananeira
Na mangueira só vi manga
E goiaba na goiabeira

Num enorme cajueiro
Vejam só que coisa chata
Eu só encontrei caju
Não tinha banana prata

Meu pai disse que só tem
Fruta de tipo variado
Numa árvore especial
"Prateleira de mercado"

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **4** erros.	No máximo **42** segundos.

O GATO CANTOR

Meu avô contava histórias do tempo em que os bichos falavam.

O gato era um cantor muito famoso, que gostava de cantar em cima das casas.

O problema é que os homens não gostavam da cantoria do gato. E reclamavam, atiravam coisas no gato, diziam pra ele parar.

O gato mudava de telhado e continuava a cantar. Se ali por perto houvesse alguma gatinha, aí sim, é que o gato cantava mais alto.

Os outros bichos gostavam da cantoria do gato. No reino da bicharada ele era tido como um grande cantor. O problema, como sempre, era o bicho homem. Que não gostava do canto do gato. E que às vezes maltratava os outros bichos.

Até que um dia os bichos deixaram de falar. Só restou com fala o bicho homem. Os outros animais latiam, miavam, rugiam, mas nenhum deles sabia falar a língua do bicho homem.

Mas o gato sempre foi teimoso. Não é à toa que dizem que ele tem sete vidas. E mesmo miando, o gato continuou sendo cantor.

E continua, até hoje, cantando nos telhados, sozinho ou em bando. Quando juntam quatro ou cinco, então, é cantoria na certa. Principalmente se as gatinhas estiverem por perto.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

O AMIGO

A avó disse que a tristeza ia passar.

“Um dia você vai acordar e ver que a tristeza foi embora.”

Foi o que a avó disse, mas ele não acreditou muito. Sentado ali, em frente ao campinho, a tristeza era muito grande. Maior que o campinho, maior que o mundo.

Não tivera coragem de ir ver o Rodrigo. A mãe insistiu. A avó disse que iria junto. Mas ele não quis ir. Saiu de casa chorando, andou pelas ruas do bairro. Veio parar ali, na beira do campinho. Naquele campo de futebol ele o Rodrigo jogavam quase todos os dias.

Agora o Rodrigo não vinha mais. Nunca mais.

Era esse “nunca mais” que doía tanto, que dava tanta tristeza.

O Rodrigo voltava da escola, atravessou a avenida correndo, sozinho. Ele nem viu o carro que vinha, tão veloz. Agora o Rodrigo nunca mais ia jogar bola com ele. Não foi ao enterro. Não queria ver a mãe do Rodrigo. Não queria ver o Lelé, o irmão mais novo do Rodrigo. Não queria ver a Bela, a cadela que o Rodrigo gostava tanto. Mas acima de tudo, não queria ver o amigo morto, estendido num caixão na sala da casa.

Saiu de casa, com a bola embaixo do braço, chorando.

Quando a mãe chegou já era noite. Ele estava lá, correndo de um lado para outro do campo, sozinho. Chutava a bola, corria e chutava de novo. Sozinho, de um lado para o outro.

A mãe lhe abraçou e ele chorou mais ainda. O Rodrigo nunca mais ia jogar com ele. Naquele momento a avó estava errada. Aquela tristeza não ia embora. Nunca mais. E era esse “nunca mais” que doía tanto.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **14** erros.	No máximo **141** segundos.

INVERNO

No meio da tarde, o céu resolveu despencar em nossas cabeças.

As nuvens brigavam e trombavam umas nas outras, ribombando cá em baixo, dando medo da batida de bumbo gigante e do clarão que alumiava o mundo.

Quando se abriram as comportas do céu na tarde de março, parecia que toda a água que havia despencava nas nossas cabeças, martelando com vontade nos telhados das casas.

Na minha porta nasceu um rio, que corria valente e rápido.

Das suas águas surgiram cardumes feitos quase só que de alegria, pulando e gritando alto, jogando água uns nos outros, disputando lugar nas bicas que jorravam nas calçadas.

Preso às minhas obrigações de adulto, eu invejava aquele cardume buliçoso, que não temia nem o clarão nem o ribombar que atravessava a tarde.

Preso às minhas obrigações, olhando o rio que passava em minha porta, eu sonhava com outro lugar, com outro tempo, quando eu era parte de um cardume feito aquele, banhado na chuva que anoitecia a cidade.

Foi quando um daqueles peixes-menino me viu, e percebeu meu olhar de tristeza e de vontade. Foi quando aquele peixe-menino acenou, convidando a juntar-me ao seu cardume, saltando entre as águas que passavam na minha porta.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **101** segundos.

MENINA E PASSARINHO

Passarinho cantava de galho em galho no quintal da avó. Amanhecia bicando as frutinhas maduras e peneirando sua boniteza pra cima e pra baixo.

A menina encantava com o passarinho que ia e vinha, e queria porque queria ser amiga dele.

− Passarinho, vem cantar na minha mão.

Passarinho nem aí, antipatizava pra cima e pra baixo, colorindo o verde do quintal, arco-íris voador.

A menina tentou de tudo. Pediu ao pai para comprar alpiste, colocou as vasilhas com comida e água e esperou o passarinho vir. Mas o danado veio? Ficou foi nas frutinhas do quintal, espanando o rabinho atrevido.

Passarinho amanhecia no quintal da avó, violinando um dia, corneteando outro, às vezes orquestra sinfônica e outras solista solitário, pianando baixinho a sozinhice.

A menina chamava o passarinho, doida por um afago, carinho bicado na palma da mão. Mas o bichinho só queria saber de suas acrobacias aéreas, fosse assim esquadrilha da fumaça que a menina vira uma vez sobrevoando a cidade.

A menina debruçava no parapeito do alpendre da avó, a meio caminho da tristeza, o olho voando nas lonjuras do passarinho, pensando assim quase sem pensar nada, a sonhar com o dia em que as asas lhe nasceriam.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **101** segundos.

A MENINA E A DOR

A menina olhou a lua pálida, triste, sozinha na tarde azul. Virou a cabeça e viu, no outro lado do mundo, o sol que incendiava o céu. A tarde demorava a partir, preguiçosa, querendo ficar. Por um tempo, ficaram assim, paralisados, o sol e a lua, um em cada extremidade do céu.

A menina olhou novamente a lua pálida e sorriu. Havia meses que a alegria não visitava a menina. Desde aquele dia, desde quando...

A menina guardou o sorriso ao lembrar. Era triste aquela lembrança, tão triste quanto a palidez da lua. Havia doído tanto. Meses depois ela só conseguia, muito raramente, aquele meio sorriso.

Como agora, quando vira a lua e o sol, um em cada canto do mundo. A lua suspirava, boiando naquele azul. Olhava o sol e entristecia. A menina olhava a lua e pensava, voltava àquele dia em que o mundo inteiro virara tristeza.

O sol agora descia mais rápido, as labaredas alaranjadas lentamente se apagando. Ao mesmo tempo a lua brilhava mais, ganhava cor na sua brancura, parecia até sorrir.

A menina também deu um novo riso. Fechou os olhos e sonhou acordada, que uma tarde a dor iria embora, para nunca mais voltar.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

A CARTA

Escreveu e reescreveu milhões de vezes aquela carta, mas não saía do primeiro parágrafo. Não conseguia encontrar o tom, a medida certa. Como dizer pra ele tanta coisa? Como dizer que desde o primeiro dia de aula, quando o vira chegar, não conseguia pensar em outra coisa?

Recomeçou, pacientemente.

“Caro Danilo”, escreveu no alto da folha e parou.

“Não está bom”, pensou e ficou ali, mais uma vez, parada, olhando a folha. A Rita, sua melhor amiga, disse que carta era coisa do passado, “já era”.

“Manda um *zap*, gata, e diz assim: ‘Tô parada em você. E aí?’”.

Marina não queria, também não queria enviar e-mail. Era uma romântica, tímida e romântica. Queria enviar uma carta, naquele papel que comprara, com corações no canto. Pensou em escrever “querido” em vez de “caro”, mas desistiu.

Estava quase chorando, ele nem ia ler aquela carta, ia rir dela.

Tentara falar com ele, mas nunca conseguira. Na segunda-feira se esbarraram na saída da sala, mas ele mal olhara para ela, um “desculpe” apressado e saiu corredor afora. Ele gostava da Tininha, ela sabia. Mas todo mundo gostava da Tininha, todo mundo. Em compensação, ninguém gostava dela, nem o Danilo, nem o Zeca, nem o Paulo. Nem as meninas. Rita não era sua melhor amiga, era a sua única amiga.

O papel ficou ali, o “Caro Danilo” no alto da página, as lágrimas borrando os corações, a chuva batendo forte no telhado.

Ainda pensou que o céu chorava junto com ela, e a tristeza aumentou de tamanho, ocupando o peito inteiro.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **13** erros.	No máximo **129** segundos.

TÊNIS NOVO

Pedrinho apareceu meio desconfiado. Era noitinha, no campinho ao lado da casa do Zeca. Os meninos se preparavam para começar uma partida de futebol.

O Ditão e o Jorge estavam tirando os times. O Ditão viu o Pedrinho primeiro e se animou, afinal, Pedrinho era craque, driblava como ninguém.

– Eu tiro o Pedrinho!

O Jorge olhou, viu o Pedrinho chegando. Lamentou não ter visto antes. Com Pedrinho no time adversário o jogo ia ser osso. Olhou em redor, procurando alguém. Ninguém à altura pra colocar no seu time. Suspirou, olhou mais uma vez.

– Eu tiro o Vavá!

Não era a mesma coisa, todo mundo sabia. Vavá era bom, mas passava longe do Pedrinho.

Foi quando veio a surpresa:

– Não posso, hoje não vou jogar.

Os meninos se olharam, sem acreditar. Pedrinho sem querer jogar? Que novidade era aquela?

No meio da algazarra, Pedrinho repetiu baixinho:

– Não posso, hoje não.

E se foi rua acima, pensando nos tênis novos que ganhara da tia e que a mãe tanto recomendara:

– Nada de sujar o tênis jogando bola.

De que adiantava o presente, sem poder jogar? Pior ainda: nenhum dos meninos notou que ele usava um tênis novo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **10** erros.	No máximo **100** segundos.

PALITO E QUEBRA-CABEÇA

A surra que o *Palito* deu no *Quebra-cabeça* ficou na história da nossa escola.

Vocês já imaginaram porque o *Palito* tinha esse nome, não é? Ele era o mais magricela de todos os magricelas que estudavam conosco.

Já o *Quebra-cabeça* tinha esse nome porque gostava de quebrar a cabeça dos colegas, e não porque fosse bom em montar brinquedos.

O *Palito* não mexia com ninguém, estava sempre no seu canto, quietinho.

Acho que o valentão do *Quebra-cabeça* implicou com ele o semestre inteiro.

Um dia, quando a aula já havia terminado, o *Palito* vinha carregando a sua mochila enorme, que parecia sempre pesada demais para ele.

O *Quebra-cabeça* passou por ele e o empurrão foi tão forte que a mochila se abriu e deixou cair tudinho que havia dentro dela.

A turma fez logo aquela roda em torno dos dois.

A gente nunca tinha visto uma coisa daquelas. O *Quebra-cabeça* chorava feito um bebezinho, e o *Palito* nunca mais foi o mesmo.

Depois daquele dia ele ficou sendo o João Cláudio, o herói dos meninos fraquinhos da escola.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **9** erros.	No máximo **89** segundos.

A FELICIDADE TEM GOSTO DE AÇÚCAR

Nossa rua era feia, acanhada, como todas as ruas da nossa pequena cidade.

Havia pouco o que fazer. Íamos à escola, jogávamos bola no campinho, bola de gude no beco, barra-bandeira na boca da noite.

Pegar bigu nos caminhões que subiam a ladeira grande era perigoso. Era quase certo que levaríamos umas palmadas da mãe, se ela soubesse.

Mas nós teimávamos assim mesmo, a aventura falava mais alto.

Mas na nossa rua feia e acanhada havia outros momentos de alegria.

Todos os dias um velhinho passava, vendendo algodão doce.

Havia uma sineta pequenina, presa no seu carrinho. De longe nós ouvíamos o tilintar da sineta e corríamos.

Bastava levar uma xícara de açúcar e uma moedinha, e saíamos de lá carregados de algodão doce.

Quando o velhinho passava nós lambuzávamos a cara de felicidade.

Nunca descobrimos o mistério daquelas cores.

Ele colocava o açúcar, rodava uma manivela e o algodão doce surgia, azulado, rosa, alaranjado.

Quentinho, uma doçura derretida no céu na boca. Como ele fazia para produzir aquelas cores? Nunca descobrimos.

Quando perguntávamos, o velhinho ria e dizia que era o seu segredo.

Ainda hoje, acho que a felicidade tem gosto de algodão doce, derretendo no céu da boca.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

O RELÓGIO DA COZINHA

O relógio da cozinha
Bate a cada meia hora
Minha barriga, com fome,
Diz: − Quero comer agora!

O relógio da cozinha
Bate a cada meia hora
Minha barriga só ronca
Do umbigo para fora

O relógio da cozinha
Só serve para aumentar
A fome que mora em mim
E não tem jeito de passar

O relógio da cozinha
Um dia, parou de andar
Mas quem disse que minha fome
Também queria passar?

Eu acho que esse relógio
Mora é dentro de mim
Bate a cada meia hora
Por pipoca ou amendoim

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

O MENINO QUE PERDEU AS ASAS

Quando pequeno, voava longe, sobre a cidade.

Avistava o que ninguém mais via. Cidades distantes, serras azuladas ao longe, o rio que passava no infinito.

Voava longe, para lá da cidade, além da estrada grande, que levava ao mundo.

Via o que os outros jamais veriam. Os campos além da serra, grandes cidades, o mar grande, o oceano que batia na África.

Mas o menino cresceu, como crescem inevitavelmente todos os meninos.

E suas asas foram diminuindo, até quase desaparecer.

Parou de voar, de ver ao longe o que os outros não viam.

Entristeceu como os adultos que moravam na cidadezinha.

Sonhava ir embora pela estrada grande, deixar tudo e ir ver o mundo.

Sonhava conhecer aquelas grandes cidades, molhar os pés no mar grande, navegar no oceano. Quem sabe não iria até a África?

Mas não saía dali, cada vez mais preso na sua cidadezinha.

Cada vez mais era adulto, esquecido de ser criança.

Tinha obrigações muitas, não sobrava tempo para nada.

Quando via os meninos passarem, correndo atrás de uma bola, gaiolas penduradas, um comboio de risos e de alegria, quase chorava.

Nessas horas, passava a mão nas omoplatas, procurando as antigas asas. Será que ainda saberia voar?

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

PERGUNTAS DE CRIANÇA

− Por que a tristeza existe?
Pergunta, muito intrigado,
O menino curioso.

− Porque existe gente triste.
Responde, muito apressado,
O pai, sem dar muita bola.

− E por que tem gente triste?
Volta à carga, insatisfeito,
O curioso menino.

− Ora, porque a tristeza existe.
Responde, sem se dar conta,
O pai, quase incomodado.

E o menino fica achando
Que a tristeza existe
Não porque tem gente triste
Mas porque tem gente grande
Que quase nunca escuta
O que é que criança pensa.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

O PIOR DOS MELHORES

Eu e Marina fomos passar o final de semana na casa da Amanda.

A Amanda curte muito música, sabia?

A coleção de mp3 dela é incrível! Ela tem todas as músicas que a gente gosta e ainda um montão das que a gente detesta, e um zilhão de outras que a gente nem conhece.

Aquele poderia ter sido o melhor final de semana da nossa vida.

Poderia, eu disse, se não fossem os chatos dos primos da Amanda.

Pois é, a Amanda tem três primos: o *Chato*, o *Metido* e a *Encrenqueira*.

Tudo ia bem até eles aparecerem e *melarem* nossa festinha.

A gente havia combinado de fazer uma festa do pijama, só para meninas. Quer dizer: eu, a Marina e a Amanda.

Mas antes das nove o trio chatice apareceu e a festa não rolou mais.

O *Chato* e o *Metido* passaram o tempo todo "se achando", falando de como a escola deles era melhor do que a nossa e um monte de outras besteiras.

A *Encrenqueira* quase nos enlouquece, mexeu nas nossas bolsas, e ainda travou o computador da Amanda.

Aquele foi o pior dos nossos melhores finais de semana.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

OS VIZINHOS DO BRASIL

O professor entrou na sala com cara de poucos amigos.

Arrumou os livros no birô, fez a chamada dos alunos e depois ficou em silêncio por alguns minutos.

Para Pedrinho e Juca aqueles minutos pareciam uma eternidade.

Eles sabiam o que esperava pela turma, sabiam que aquele silêncio era sempre o prenúncio de uma tempestade.

O professor era assim, às vezes chegava sério, carrancudo, e podiam esperar, ou era uma prova surpresa, ou a sua famosa prova oral.

– Seu Juca! – falou o professor em voz alta.

– Pre-presente, professor! – gaguejou Juca apavorado.

– Diga o nome de dois vizinhos do Brasil.

E Juca, apavorado, pensando em "seu" Brasil, fotógrafo antigo do Beco do Sossego, largou sem pestanejar:

– O Fubica da oficina e a dona Clarinha costureira.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

CARTINHA PARA O VOVÔ

Querido Vovô,

estou lhe escrevendo para pedir uma coisa, só que eu não posso pedir, pois a minha mãe diz que a gente não deve fazer isso.

A minha mãe, que é sua filha, diz que quando era criança era muito educada e nunca pedia nada a ninguém. E que foi o senhor que ensinou isso pra ela. Eu não sei se é verdade, ou se ela fala isso apenas para que eu não fique pedindo presentes. Talvez até o senhor possa me ajudar, contando aí umas coisinhas da minha mãe quando ela era criança.

Mas voltando ao nosso assunto, o que eu queria lhe pedir, sem poder pedir, era uma bola, pois a minha está toda rasgada. O senhor sabe que eu não jogo muito bem, e os meninos da rua só me convidam para o campinho detrás da fábrica porque eu tenho uma bola.

Acontece que o Luizinho, filho da Dona Giselda, ganhou uma bola do avô dele, toda bonita, e agora os meninos só querem saber de chamar o metido para jogar. Nunca mais nenhum deles me deixou jogar.

Eu pensei assim que, quem sabe, se o senhor soubesse dessa história, mesmo sem eu lhe pedir, o senhor não comprava uma bola nova pra mim. Afinal, eu pensei, meu avô não vai querer ser passado pra trás pelo avô do Luizinho, não é mesmo?

Vou aguardar pra ver se o senhor vai tomar alguma atitude. E por favor, não conte nada pra minha mãe, é capaz dela pensar que eu lhe pedi pra comprar a bola.

Um beijo grande do seu neto que gosta muito de futebol.

Pedrinho.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

MEDO E FALTA DE CORAGEM

Eu não tenho medo de nada.

Quer dizer, de quase nada.

Assim, uns medinhos pequenos. E nem é bem meeeedo, não. Acho que é falta de coragem. Meu pai diz que são coisas iguais, mas diferentes.

Tenho medo de levantar sozinho no escuro, de borboleta preta na parede, de aranha caranguejeira, de ficar sozinho em casa e do cachorro da vizinha da casa 412.

Mas desse aí até o meu pai, que vive dizendo que eu já sou grandinho e que não posso ser medroso, também tem medo. Adulto é tão engraçadinho... ele pode ter medo, eu não. Vá entender.

Bom, às vezes de manhãzinha, eu tenho medo de ir pra escola. Mas o meu pai diz que aí já é falta de coragem, e que nesse caso significa outra coisa, e não medo.

E nessas horas ele diz que o engraçadinho nessa história sou eu. E diz de um jeito tão sério que tanto dá medo quanto falta de coragem.

Nessas horas, melhor mesmo é tomar banho rápido e me arrumar pra ir à escola.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

O HERÓI

O grito do Zeca ecoou longe:

– Corre!

A meninada disparou na correria. Estavam todos na goiabeira da Dona Maroca. Maduras, amarelinhas por fora, bem vermelhas por dentro. Doces como nunca. Os meninos diziam que era a melhor safra da goiabeira.

Com o grito do Zeca, a meninada espalhou-se. Dudu pulou o muro sem tocar em nada. Disseram depois que ele estava treinando para as olimpíadas.

O quintal era enorme. Da goiabeira até o final, por onde dava pra fugir, a distância era grande. Maior ainda quando o Fubá vinha no encalço da gente, dentes arreganhados.

O Zeca tinha ficado de guarda para dar aviso. Mas o Fubá era esperto, veio devagarinho, Zeca só notou quando ele estava quase chegando.

O Dito, menorzinho, perninhas curtas, corria pouco. Os meninos já tinham pulado o muro e o Dito lá, correndo no seu passinho pequeno.

Tava todo mundo com o coração na mão, achando que o Fubá ia pegar o Dito.

Foi quando o pequenino parou de correr e encarou o cachorro. Fez cara de bravo. Gritou:

– Pare!

Ninguém sabe como, mas o Fubá parou, olhou o Dito, e voltou, abanando o rabo.

Daquele dia em diante o Dito virou herói.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

ZECA BELO

Era uma vez um menino muito bonito chamado Zeca.

Zeca era tão bonito que todos o chamavam de Zeca, o Belo. Com o passar do tempo, acostumaram-se a chamá-lo de Zeca Belo.

Zeca tinha dois grandes amigos, o Álvaro Filho e o Jacó. Na escola, eram inseparáveis. Onde um estivesse podia ir atrás que os outros dois também estavam.

Álvaro Filho e Jacó usavam os cabelos mais compridos.

E Zeca Belo, que tinha o cabelo bem pretinho, tinha muita vontade de deixar os seus crescerem. Mas não havia jeito, por mais que ele olhasse no espelho, por mais que pedisse ao pai dele para não mandar cortar os seus cabelos, por mais que balançasse a cabecinha de um lado para o outro para ver se os cabelos cresciam, por mais que tentasse tudo, seu cabelo era curto. Era o jeito dele.

Zeca Belo queria muito ter os cabelos compridos como os seus amigos, e dizia isso para todas as pessoas.

E de tanto falar sobre isso, as pessoas acabaram mudando o seu nome.

E hoje ninguém mais o chama de Zeca Belo.

Todo mundo só o conhece como Zé Cabelo.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

FINAL DE CAMPEONATO

Foi na final do campeonato do bairro. Nosso time disputou contra o time da Rua Grande. O time deles tinha sido melhor, por isso jogava por um empate.

Acho que nunca vou esquecer aquele jogo. A Marília havia prometido ir à sorveteria comigo. Mas só se a gente ganhasse o campeonato.

O campinho estava lotado. Eu não me lembro de ter visto tanta gente assim no nosso campo. Nem antes e nem depois daquele jogo. A verdade é que era um clássico, aquele jogo.

Nosso time precisava ganhar, eu já disse. Com o empate, o time da Rua Grande ia ser campeão.

A gente precisava ganhar, eu passei a semana inteira sonhando com a Marília. Sonhando com aquele beijo na sorveteria.

Quase no finalzinho do jogo, o Dudu cruzou a bola da esquerda. A bola veio no alto, cruzamento longo. O Fininho matou no peito e olhou pros lados. Eu estava na entrada da área, sem ninguém, agitando os braços.

O Fininho cruzou pra mim. A bola veio macia, redondinha. Entrei com tudo, o goleiro estava batido. Era só meter na rede.

Não sei de onde o Zecão saiu. Só senti a pancada no tornozelo e a nossa torcida gritando:

– Pênalti!!!

O Fininho, nosso artilheiro, ajeitou a bola.

O campeonato era nosso, eu sabia.

Fininho ajeitou a bola e chutou...

Pra fora.

Foi a pior derrota da minha vida. Nem tanto por ter perdido o campeonato. Pior mesmo foi ver a Marília beijando o Zecão na sorveteria.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

QUEM INVENTOU O BRASIL?

− Onde fica o Japão?
− Do outro lado do mundo.
− E quem inventou o Brasil,
Foi o Dom Pedro Segundo?

− Não senhora, o Brasil
Não precisou ser inventado
Ele sempre existiu
Lá longe em nosso passado.

− E antes de eu nascer,
Onde morava o Brasil?

− O Brasil morava aqui, ora essa!
No mesmo lugar de sempre.

− Quer dizer que o Brasil
É mais velho do que eu?
Então o Brasil já está
Ficando um rapazinho.

E saiu, cantarolando,
A menina perguntadeira
Deixando o pai, feito bobo,
Sentado numa cadeira

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

GALO DE CAMPINA

O galo de campina vinha todos os dias. Pousava no galho da goiabeira e desandava a cantar. O peito estufado, trinava sem parar. Como diziam por ali, cantava de corrido e estralado. Parecia mesmo que estava era se exibindo. No alpendre da casa, o pai sentava e parava o serviço, olhando ao longe, depois da aroeira grande.

Seu Zuca, nosso vizinho que morava mais acima, às vezes vinha conversar com o pai. Mas eu acho que ele vinha mesmo era pelo gosto de ouvir o galo de campina.

– Bichinho danado, né? Canta feito gente, seu Honório, o senhor não acha?

Meu pai parecia que não achava nada, o olhar longe, ouvindo o passarinho. No que será que pensava meu pai?

Apareceram uns caçadores por lá. Amigos do doutor João, dono da fazenda.

Saíram atirando em tudo, bicho de pena e de pelo. Só pelo gosto de matar, mesmo. Quem é que ia comer aqueles passarinhozinhos, tão feitos só de pena e canto?

O cantor da cabeça vermelha não apareceu mais. Não veio mais pousar no galho da goiabeira.

Seu Zuca às vezes ainda vinha. Sentava, calava, ensaiava um pigarro e calava de novo. Olhava a goiabeira, esperava o galo de campina. Uma vez arriscou:

– Bichinho danado, né? Cantava feito gente, seu Honório, o senhor não acha?

Meu pai demorou, o olho depois da aroeira, além da vazante.

– Acho não, seu Zuca. Cantava feito anjo, se um anjo cantasse.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

JOÃO ZANGÃO

João Zangão tem riso solto e alma leve.

Tão leve quanto as acrobacias que faz com a sua bicicleta, quando está para isso inspirado.

Mas, riso solto e alma leve, tem também a raiva fácil, tão rasa quanto cacimba de beira de açude.

Aí, sai de perto, que sobra pra todo mundo, mesmo pra quem não tem nada a ver com a sua zanga.

Tão grande, tão intensa, quanto curta, rápida de se ir, que o João não é de ficar remoendo suas raivas.

Mas isso mexe com os outros, ofende, entristece, e João sabe disso, e por isso se entristece também às vezes, com a sua própria zanga. E quando isso acontece, ele fica mais zangado ainda, com ele próprio.

Mas João Zangão, como já disse, tem riso solto e alma leve.

Um cinema com o pai, um lanche fora de casa, ir ao estádio ver seu time do coração, um pão de queijo, essas coisas simplezinhas assim são suficientes para transformá-lo em João Feliz, aquele do riso belo, gargalhada de criança ecoando pelas ruas da sua meninice.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

UM EXTRATERRESTE NO BRASIL

O capitão Zing desceu da sua nave espacial na praça central do reino de Blig.

Uma multidão começou a aplaudir quando ele desceu.

Duas *bliguíneas*, que é como se chamam as pessoas nascidas em Blig, correram para abraçar o capitão Zing.

Elas levaram o capitão até o palácio real, onde o rei e seus ministros esperavam ansiosos.

E o capitão Zing fez um relato detalhado.

– O planeta Terra é muito bonito, cheio de paisagens lindas, de lugares maravilhosos. Há pessoas de muitos tipos por lá, de cores diferentes, de costumes diversos. Há serras, rios, praias, cidades grandes e pequenas. Só tem uma coisa, parece que o povo da Terra não cuida bem do seu planeta. Lá também tem muita poluição, sujeira, guerra, gente passando fome. Na minha opinião, o melhor mesmo é ficarmos em Blig, nosso pequeno planeta.

O rei e os ministros ouviram tudo e decidiram que o capitão tinha razão, era melhor ficar no seu próprio planeta.

E o capitão Zing foi dormir, pensando no planeta Terra, e sonhou com Cecília, aquela brasileira tão bonita, de pele de cobre e olhos de esmeralda.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

TEM UM SACI NO MEU JARDIM

Minha mãe garante que aquilo foi coisa de gato ou cachorro. Eu acho que não.

Explico: “aquilo” foi um salseiro que fizeram no jardim. Misturaram tudo. Tinha rosa em pé de orquídea, orquídea no meio dos cravos, e até raiz de planta virada pro ar.

Como eu já falei, minha mãe acha que foi gato ou cachorro, desses vira-latas que moram pelas ruas.

Eu acho que não. Pra mim, foi saci.

É, saci. Desses sacis de gorro vermelho, pretinhos e com uma perna só.

Como assim, “saci não existe”? Pois fique sabendo que eu mesmo, com esses dois olhinhos, já vi mais de um.

Acha que é mentira, é? Pois venha ver o meu jardim, venha, e eu lhe mostro os rastros do saci. Se bem que é melhor falar em rastro, já que é só de uma perna.

Pois bem, como eu dizia, no meu jardim o saci deixou seu rastro, quem quiser pode ver.

Mas agora eu tenho que encerrar essa conversa, pois minha mãe tá gritando por mim, dizendo que descobriu qual foi o saci que destruiu o jardim.

Acho que vou esconder meu gorro vermelho.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

NA PASSARELA AZUL

− Aposto que vai ficar presa naquela árvore.

− Não vai, não! Está muito alta.

Os meninos corriam cá embaixo, no maior alarido. Lá em cima ela desfilava, colorida como a tarde. Flutuava com elegância, como fosse uma modelo na passarela. Sua passarela era o azul do céu, o imenso azul daquela tarde de setembro, o vento levando-a mais alto ainda.

− Vai ficar presa na árvore, aposto. – voltou a insistir o Zezinho, confiante, o mais experiente naquele ofício entre os meninos todos do bairro.

− Ainda acho que não, ela está subindo. – Dudu ainda retrucava, mas já sem muita certeza. Na passarela do céu, afligindo o coração dos meninos, ela caíra um pouco, despencara uns metros, parecia que ia mesmo cair sobre a árvore.

Lá longe, impassível, o Zeca manobrava. Todos duvidaram que ele conseguisse, era o mais novo da turma, imagina se ele seria melhor do que o Zezinho, o melhor dentre eles.

Zeca manobrava com delicadeza e firmeza ao mesmo tempo, a linha corria entre seus dedos pequenos, a mão puxava e soltava levemente. Ela voltou a subir, pegou impulso, passou pela árvore grande.

Os meninos coloriram a tarde mais ainda, com seus gritos de espanto e alegria, o Zezinho sem entender como o Zeca conseguira, como passara pela árvore com a pipa, coisa que ninguém, nem ele, até hoje havia conseguido.

Lá longe, o Zeca continuava, a mãozinha pequena e leve manobrando, a pipa subindo e o seu sorriso azul clareando a tarde.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

HISTORINHA DE MENINA FADA

− Professora, já são horas
Da gente ir para casa? −
Pergunta o pingo de gente
Já com a mochila arrumada

− Ainda não, senhorinha! –
Responde a professora
− A aula mal começou,
Temos a manhã todinha.

− Então, posso ir pro parque,
Brincar naquela casinha?
− Ainda não, menininha,
Só na hora do intervalo.

− Professora, então eu posso,
Tirar férias dessa escola?
Daqui a um mês eu volto
E prometo que não vou
Perguntar mais nada não.
Se não, eu vou me mudar
Pra uma escola do Japão
Que é do outro lado da terra
Bem embaixo deste chão.

E deixando a professora
Com a cara mais espantada
A menininha diz tchau
E sai voando encantada

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

ASSOMBRAÇÃO

− Socorro!

O grito pareceu ainda mais alto, no silêncio da noite.

− Socorro!

No quarto escuro, Zezinho encolheu mais ainda, tiritando de medo. E se fosse verdade o que os amigos diziam? Se aquilo tudo fosse real mesmo, e não lenda urbana, como sua mãe garantira.

Aquela voz pedindo socorro, devia ser muito tarde, ele acordara com os gritos. A voz pedindo socorro, desesperada. O Lucas dissera, no dia anterior, que havia uma assombração na rua deles. Jurou que várias pessoas já tinham visto o fantasma.

− É uma mulher toda de branco, pálida, uma alma do outro mundo.

O Lucas jurou que era verdade. Sua tia já tinha visto a tal assombração, e o tio de uma amiga sua também.

Zezinho tinha muito medo de assombração. Nem gostava de ouvir aquelas histórias. Tinha verdadeiro pavor. E agora, no escuro do quarto, ouvira o grito duas vezes, o desesperado pedido de socorro. Ouviu ainda umas vozes mais baixas, mas não conseguiu entender o que diziam. Ficou encolhido, sem coragem nem de chamar o pai ou a mãe. Quase não adormeceu mais, de tanto medo.

No dia seguinte, quando acordou, correu para a cozinha, para contar ao pai e à mãe. Encontrou o pai resmungando, irritado.

− Sinceramente, Maria, não aguento mais o Alfredo gritando pela Socorro quando chega tarde em casa. Nunca vi ninguém com um sono tão pesado.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

VENTO VENTÃO E DONA PLANTA ZANGADA

O vento passou ventando
Quase derrubou a planta
Que deu um grito, furiosa,
Esgoelando a garganta

– Olha lá por onde anda
Tenha cuidado, ventão,
Quase derrubou meu vaso
Me esparramando no chão

– Mas como assim, ventão?
Respondeu, bem-humorado
O vento, na mesma hora
– Meu nariz tá aumentado?

– Você entendeu direitinho,
Não se faça de engraçado
Eu acho que você é
Um vento muito abusado

– Como assim, engraçado?
Não levo jeito pra artista
E agora a dona planta
Diz que eu sou humorista?

A plantinha se zangou
E já queria brigar
Balançou galhos e folhas
Quase a ponto de voar

Foi quando uma nuvenzinha
Resolveu se intrometer
Pra acabar com aquela briga
Deu um espirro e fez chover

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **59** segundos.

A VINGANÇA

− Esqueça a raiva, esqueça a raiva.

Eu tentava lembrar do conselho do treinador. Mas como esquecer a raiva, com aquele sorrisinho do Zecão me provocando o tempo todo? Antes mesmo do jogo começar eu vi o Zecão. Ele falou alto, para que todo mundo ouvisse:

− Vai amarelar novamente hoje, pode ter certeza.

É verdade, no último jogo eu fiquei com medo, amarelei mesmo. Fiquei cara a cara com o gol e perdi, chutei fraquinho, praticamente atrasei para o goleiro.

O Zecão passou a semana inteira zoando comigo no colégio.

O professor de matemática, que é também o treinador do nosso time, me chamou para conversar.

− Está com medo? Eu também tenho medo, às vezes. É normal.

Eu não acreditei que um homem daquele tamanho tivesse medo. Mas ele parecia sincero.

− Quando entrar em campo hoje, você vai jogar com isso e com isso. Esqueça isso aqui.

Encostou o indicador no meu peito e na minha testa, e depois num canto da minha barriga.

− Você vai jogar com a cabeça e com o coração, não com o fígado. Esqueça a raiva, esqueça a raiva. O Zecão te humilhou? Pois devolva. Mas não é com violência. Você vai humilhar o Zecão dentro de campo, entendeu?

Agora eu tentava esquecer tudo, concentrado no Dito, que descia veloz pela esquerda do campo. O Dito cruzou pra mim e eu vi o Zecão chegando, vinha direto em mim. Parei a bola e fiquei ali, esperando. O Zecão deve ter pensado que era medo, pois veio com tudo pra cima de mim. Na horinha mesmo eu puxei a bola, fiz uma finta, virei o corpo, e o Zecão passou direto, tropeçando nas próprias pernas.

Virei o corpo inteiro e chutei, com calma, mas com força, bem no canto direito. O goleiro não esperava, a bola passou direto.

O meu time explodiu num “gooool” que não acabava mais. E eu só fiz um gesto de silêncio, com o indicador nos lábios, em direção ao Zecão, que olhava ainda sem acreditar.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

O POEMA DO DUDU

Dudu queria inventar
Um bicho que não existe
Com orelhas de dragão
E patas de dinossauro

Um olho azul de ciclope
E um chifre de unicórnio
Umas asas de helicóptero e...

− E helicóptero tem asa, Dudu?

Umas asas de avião
E sabor de chocolate

− Bicho tem sabor, Dudu?

O bicho ia ser enorme
Maior do que uma escola
Mas seria bem mansinho
Como o gato da Carol

A metade ia ser verde
E a outra metade azul
E ia ter outra metade
De amarelo e de laranja

− Quantas metades ia ter isso bicho, Dudu?

Dudu desistiu de fazer
Um bicho que não existe
E saiu correndo atrás
De quem atrapalhou seu poema

− Socorro!

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

QUEM NASCE AQUI É O QUÊ?

− Quem nasce no Ceará é o quê?
Pergunta o meninozinho
De carinha curiosa.

− É cearense, diz o pai,
Preparado pra enfrentar
Uma série de perguntas.

− E no Pernambuco, é pernambuquense?
Pergunta o menininho
Com o olho claro brilhando.

− Aí é pernambucano.
Diz o pai, fazendo esforço
Procurando a paciência.

− E quem nasce no Piauí,
A gente diz piauiano?
− E o pai, resignado, diz:
− Não filho, é piauiense.

E o menininho sapeca,
Pra mostrar que é inteligente
Diz pro pai que inventou
Outros nomes pra “quem nasce”

− Lá em Santa Catarina
A pessoa nasce num altar
E no Rio de Janeiro
É peixe uma vez por ano.

Ao que o pai, desconsolado,
olhando pro pequenino,
diz: − E o que eu queria agora,
era nascer lá na China,
ou melhor, na Cochinchina,
longe das tuas perguntas.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **6** erros.	No máximo **56** segundos.

FABULAZINHA MODERNA COM MENINO E PASSARINHO

Goiabeira carregadinha, as goiabas doces, vermelhinhas por dentro. Passarinho pousava, cantava e bicava as goiabas. O menino gostava de goiaba e do canto do passarinho. E, egoísta, queria as duas coisas, todas as doces goiabas e o passarinho cantando só pra ele.

Passarinho cantava e comia as goiabas e o menino maquinava jeito de conseguir o que queria. Armou o alçapão, botou o chama, mas nada do passarinho se interessar. Nem passava perto da armadilha. Vinha, bicava as goiabas, peneirava as asinhas amareladas e cantava que só ele.

Menino desejava as goiabas e a ópera de asas só pra ele, e passarinho nem aí, quase cantando nem te ligo pro menino que armava o alçapão. Menino comprou alpiste, do melhor que tinha, e colocou lá, pra atrair o passarinho. Passarinho vinha, passarinhava em volta da gaiola, olhava pro alpiste caro e lá se ia bicar goiaba madura e cantar debochando do menino.

Menino tomou medidas radicais. Colheu todas as goiabas, não deixou umazinha sequer na goiabeira. Escolheu a mais madura, mais suculenta, partiu em pedacinhos e deixou-os lá, perversamente vermelhinhos, na armadilha. Passarinho veio, rodeou a goiabeira, procurou as goiabas em silêncio e viu, olhar comprido de gula e tristeza, os pedaços de goiaba vermelhos dentro do alçapão. Aquilo era pura maldade. Passarinho foi embora e voltou, foi embora e voltou, foi embora de novo e voltou novamente, e acabou a resistência. Os pedacinhos vermelhos de goiaba lhe deixaram preso no alçapão.

Menino era alegria só. Passarinho parecia feito de tristeza. Menino prendeu passarinho na melhor gaiola, mais espaçosa, cortou goiaba, colocou o alpiste caro, botou água mineral bem friazinha, na gamela de barro nova e limpinha. Passarinho nem comia nem cantava, balançando no poleiro pra lá e pra cá. Depois de uma semana passarinho era só uma coisinha amarela e arrepiada. Menino não aguentou e fez a proposta:

– Te deixo solto, não tento mais te prender, boto uma cuiazinha com alpiste no alpendre, deixo todas as goiabas, e em troca você vem cantar pra mim todos os dias.

Passarinho balançou as asinhas, compreendeu tudo, até ensaiou um *allegro*. Menino soltou o passarinho e esperou. O sacizinho de penas volteou por ali, olhou a goiabeira sem graça e pensou que no sítio do vizinho não tinha goiabeira, mas em compensação também não tinha menino. E tinha uma mangueira que dava umas mangas rosas, doces de deixar felicidade pelo resto da vida. Saracoteou no terreiro, deu adeus pra goiabeira e partiu pro sítio do vizinho.

E o menino, que fez? Menino bestou de ganancioso, dono de goiabeira sem goiaba e de passarinho que não existia mais.

PROSÓDIA	PRECISÃO	TEMPO
Ritmo e entonação adequados.	No máximo **5** erros.	No máximo **52** segundos.

APOIO

